

A Banalização da Injustiça Social

Christophe Dejours. Tradução Luiz Alberto Monjardim
Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999

por Sueli Bulhões da Silva¹

A reestruturação produtiva engendrada pelo neoliberalismo e seus desdobramentos (desorganização, desemprego estrutural, precarização, flexibilidade dos direitos sociais) no mundo do trabalho, tem levado não só a uma multiplicação da exclusão, aqui entendida como pobreza, como tem incentivado o desenvolvimento de uma cultura que, ao radicalizar a ambição de possuir, competir, acumular e consumir, naturaliza ou banaliza a injustiça social. Essas mudanças no mundo do trabalho têm suscitado o estudo de diferentes teóricos que se propõem a pensar sobre os efeitos de um mundo globalizado, nas relações empregador-empregado. O livro de Christophe Dejours, psiquiatra e psicanalista, professor do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios e diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho da França, é mais uma contribuição à literatura que tem no trabalho sua categoria central.

Considerado um expoente da escola francesa na abordagem das questões que dizem respeito à organização do trabalho e seus impactos sobre a saúde mental do trabalhador², Christophe Dejours desafia a psicanálise ao considerar os fenômenos do mundo do trabalho que impactam sobre a intersubjetividade, apoiado nos conceitos de "banalidade do mal" e de "distorção comunicacional" formulados, respectivamente, por Hannah Arendt e Jürgen Habermas. Utilizando a metáfora da guerra, o autor argumenta que o que diferencia um conflito armado do produzido pela atual conjuntura *globaliza* é que este implica em "*sacrifícios individuais consentidos pelas pessoas e sacrifícios coleti-*

¹ Doutora em Serviço Social, profa. do Departamento de Serviço Social da PUC/RIO.

² Neste sentido, veja-se "A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho", S.P. Cortez, 1987.

vos decididos em algumas instâncias" (pg.14). Assim, ao tomar, via trabalho, a dominação do homem pelo homem, o autor tem como questão central, no presente livro, *"as motivações subjetivas da dominação"* perguntando-se *"por que uns consentem em padecer sofrimento, enquanto outros consentem em infligir sofrimento aos primeiros?"* (pg.17). A resposta, segundo Dejours, está no medo. Medo este que se insinua e se instala na própria atividade do trabalho.

A cada dia o número de excluídos do mercado formal de trabalho, aumenta em escala universal. Por sua vez, as demissões provocam sofrimento nos que continuam empregados, seja por aumento do volume de trabalho e das pressões dele advindas, seja pelo temor da demissão sempre presente. A utilização da ameaça e da insegurança, produz e agrava injustiças e desigualdades, banalizando as condutas injustas na relação empregador-empregado. Gerentes modernos, segundo Dejours, se aproveitam dessa tensão para buscar mais produtividade de seus subordinados e apressar a substituição daqueles que consideram menos preparados, geralmente os mais velhos ou os jovens ainda despreparados, aproveitando para baratear os custos via terceirização da mão-de-obra. Nas suas palavras:

"nessa guerra, o fundamental não é o equipamento militar ou o manejo das armas, mas o desenvolvimento da competitividade. Em nome dessa guerra – (...) – admite-se atropelar certos princípios. O fim justificaria os meios" (pg. 14).

Como acontece nas guerras, esta *"guerra sã"* tem vencedores o que indica que ela dá certo. Embora cause estragos mesmo entre os mais ardentes defensores do liberalismo, esta guerra que se baseia na utilização metódica da ameaça que produz e agrava adversidades, injustiças e desigualdades, tem beneficiários que desfrutam de uma prosperidade e de uma riqueza admirada e invejada. Na banalização de condutas injustas que se estabelecem na relação empregador-empregado, o autor considera que nem tudo deve ser atribuído ao sistema econômico, mas às condutas humanas. Nesse sentido, chama atenção para o fato de que existem pessoas de bem que aceitam praticar atos injustos

contra seus semelhantes nos locais de trabalho. Ou seja, aquelas que, para garantirem sua posição, aceitam fazer listas de enxugamento e de demissões. Mesmo sabendo que *"o feitiço pode virar contra o feiticeiro"*, aceitam o *"sofrimento ético"* agindo contra os subordinados. Christophe Dejours considera que o problema não é o do mal em geral, mas o da *"banalidade do mal, que à luz da psicodinâmica do trabalho não parece nem espontânea nem natural"* (pg. 133). Segundo ele, o pior é que não haveria banalização da violência sem a participação da mentira. Em outras palavras, a mentira vira verdade quando o objetivo é chegar ao lucro. Para o autor, o neoliberalismo teria racionalizado a mentira tanto nas rotinas das empresas quanto no ambiente de trabalho. Porém, como bem ressalta, esse sistema nada tem de novo. A novidade *"é que um sistema que produz e agrava constantemente adversidades, injustiças e desigualdades possa fazer com que tudo isso pareça bom e justo"* (pg. 139) idéia esta, defendida não só em países da Europa, América do Norte e do Sul mas sendo também aplicada *"em particular ao Brasil"*, como bem assinala o autor no prefácio.

Será então o trabalho uma máquina para produzir o mal e a injustiça, e não mais uma condição da existência do homem, através do qual o homem se supera e transforma a natureza? Dejours responde que não. Segundo o autor:

... "o trabalho pode ser também o mediador insubstituível da reapropriação e da realização do ego. O fato é que o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos. Incontestavelmente, ele dá origem a terríveis processos de alienação, mas pode ser também um possante instrumento a serviço da emancipação, bem como do aprendizado e da experimentação da solidariedade e da democracia" (pg. 141).

Para tal, é necessário não só tomar consciência do sofrimento no trabalho, como analisar as estratégias de defesa adotadas contra o sofrimento. Ou seja, refletir sobre a relação subjetiva para com o trabalho e formular um novo conceito de ação.